

MEMÓRIAS DE CUBA¹

MEMORIES OF CUBA

Eliseu Savério Sposito²

Estar em Cuba leva a muitas reflexões. Não é um país grande. Ele tem aproximadamente 150.000 km² e 11 milhões de habitantes. Sua capital, Havana, não tem mais que três milhões de habitantes em toda sua área metropolitana.

O socialismo está presente em todas as paredes, em muitas mentes, no cotidiano das pessoas. Um socialismo próprio, que se construiu por meio da repressão, da exclusão dos adversários, enfim, pela mão forte do Estado. O socialismo que é representado, localmente, e defendido pelos CDR (*Consejos de Defensa de la Revolución*) que se localizam em setores estrategicamente divididos nas cidades e no campo, para que todas as pessoas (talvez cidadãos) a ele se reportem para informar, por exemplo, quando nasce uma criança ou quando morre uma pessoa.

É um país alegre. Mais que uma nação alegre porque a música está em todos os lugares. Os sons brotam do asfalto e dos tijolos. É um território sonorizado. Os sons da salsa, do mambo, dos boleros, do *reggaeton* (reggae eletrônico) ou até dos tangos emanam das paredes dos hotéis, dos bares e restaurantes, e das casas. As pessoas, aos domingos, dançam no *Paseo del Prado* ao som de um velho aparelho de som de um bar em frente. Há uma persistência da musicalidade e uma insistência deliberada em não deixar o silêncio aparecer e se impor um minuto sequer na cidade. O *tchic tchic dum* soa e se cola nos ouvidos, repetindo-se no fundo da nossa memória de maneira automática e impensada.

Apenas a solidão e o espaço reservado de um quarto de hotel, bem vedado, pode propiciar os momentos para que outros sons entrem nos ouvidos: o ronco rouco dos motores dos ônibus (*guaguas*), emanando dióxido de carbono a cântaros; o som estridente dos escapamentos sem silenciadores das motocicletas ou *cocotáxis*; os gritos, de longe, das crianças brincando na escola das proximidades, vibrando com a simplicidade das brincadeiras infantis; as conversas, no corredor, das arrumadeiras discutindo sua situação no emprego ou algum comentário sobre as novelas brasileiras. É até possível imaginar o que se conversa, mas é difícil compreender o espanhol falado rapidamente e sem ênfase nas consoantes, apenas nas vogais.

Um traço cubano é que, por trás da musicalidade, da presença de conjuntos de cantores por todos os lados da cidade, percebe-se sempre o objetivo de retirar algum dinheiro dos estrangeiros. Pedindo *una contribución por la musica* ou vendendo um CD do grupo realizado artesanalmente, o objetivo das canções se modificou um pouco: é preciso receber para ser alegre, para cantar, é preciso que o estrangeiro contribua para diminuir a pobreza e a carência material das pessoas. São as pessoas, produtos do socialismo real, necessitando de algo mais para

¹ Descrição e opiniões que foram saindo aos borbotões, sem reflexão científica, mas cheias de sentimento, certezas e decepções.

² Professor Titular do Departamento de Geografia da FCT/UNESP. E-mail: essposito@gmail.com

sobreviverem porque os ganhos mensais, garantidos pelo governo, não são mais suficientes. Parece que os dirigentes que se apoderaram do Estado não sabem o que está ocorrendo nas ruas. Parece que o som rouco das ruas não chega a tocar as paredes dos palácios.

A música é marcada por compassos e tempos. Mais do que a melodia ou a harmonia, isso lembra o tempo em Cuba. O tempo é lento, ainda não contaminado (mesmo que positivamente) pela aceleração contemporânea motivada pelo avanço das tecnologias da informação e da comunicação. Para alugar um carro, a conversa amistosa com o agente é necessária. Ele fala maravilhas do carro que está alugando mas, quando você vai ver, falta o limpador traseiro, faltam as calotas, os símbolos das marcas dos carros foram retirados e se justifica, sempre, que é por causa de *los que lo llevan*; ou seja, há sempre alguém levando alguma peça do carro. A vigilância, portanto, é necessária e constante. Será o socialismo real um estímulo a esses pequenos delitos? Ou as necessidades não satisfeitas levam a uma tolerância a esses pequenos delitos? Alguma explicação deve haver porque os agentes falam com muita naturalidade e, algumas vezes, até rindo da situação.

O tempo é lento. As pessoas se acostumaram com o ritmo e com o não acontecer. Nós, que estamos no Brasil ou que vamos a países europeus ou aos Estados Unidos, estamos habituados a ter, quando queremos, tudo muito rapidamente. Mas em Cuba isso não ocorre. Quais as explicações para isso?

Depois de observar, andando pelas ruas e vendo as pessoas se moverem, vi que o sistema impõe um ritmo às pessoas que naturaliza seus movimentos. Se precisa ser assim, que assim seja! Os ônibus demoram para passar. Quando passam, vêm tão lotados que, muitas vezes, é preciso esperar o ônibus seguinte, que vem tão lotado quanto o anterior ou mais lotado ainda. É preciso, portanto, apertar-se até o ponto da porta não fechar. Aí o ônibus arranca, deixando ainda alguns passageiros na espera... esperando o *guagua* seguinte.

Os deslocamentos em Havana são feitos, também, por bicitaxis. Um ser humano, dotado de encéfalo desenvolvido e polegar opositor, que se diferencia dos outros primatas, pedala, lentamente, consumindo muitas calorias, pelas ruas sujas de Habana Vieja ou de Centro Habana, transportando uma ou duas pessoas. Vai no ritmo e na velocidade das pedaladas que podem ser contadas como os segundos do relógio.

Nas cidades médias e nas pequenas, o transporte é feito, também, por carroças puxadas por cavalos. Em Cienfuegos, elas seguem um esquema pré-determinado. Não podem ir a Punta Gorda, lá nos fins do *malecón*, local reservado para turistas, no final do Paseo del Prado (*el más largo de toda Cuba*), mas circulam em ruas perpendiculares ao Paseo. Isso, portanto, condiciona as rotas que as pessoas têm que seguir.

Enfim, por bicitaxis e carroças, as pessoas se movem lentamente. Dá tempo para olhar do lado, conversar com o condutor, verificar a sujeira espalhada por muitas ruas, os rostos surrados pelo sol, sentir o cheiro desagradável do suor acumulado pela falta de banho (apesar dos cubanos serem, aparentemente, mais limpos que alguns povos europeus, por exemplo). É possível ver, empiricamente, que o movimento se faz espaço e tempo e que o tempo e o espaço são mediados pelo movimento das pessoas. Quem tem pressa, tem que pagar um táxi comum, que é caro para os padrões do país, ou um *cocotaxi* (motocicleta adaptada com uma

cabine de fibra imitando um coco), destinado mais aos turistas com um bom dinheiro no bolso.

Ao longo do *malecón*, passeio litorâneo que separa a cidade do mar por aproximadamente 10 quilômetros, desde as primeiras luzes da manhã há pessoas sentadas, olhando para quem passa, há pessoas pescando (talvez buscando o almoço do dia), há pessoas sem fazer nada. Há algumas pessoas caminhando para emagrecer com agasalhos impróprios para o calor de Havana mas adequados para se derreter como numa sauna. Há, também, o que já começa a aparecer no cotidiano: uma ou outra pessoa *paseando su perro* na coleira, aparentemente feliz por ter um bicho de estimação num país no qual as pessoas se diferenciam por alguns sinais mínimos de posse: um carro com placa amarela (particular) ou azul (do Estado, mas que se torna privilégio dos dirigentes dos organismos estatais). Quando a placa é vermelha (carros de aluguel), o assédio é grande, principalmente nas cidades médias, onde o contato é mais próximo por causa da raridade da presença de pessoas de fora.

O tempo, no *malecón*, é o tempo da espera. Espera pelo peixe, espera pelo abaixamento da temperatura depois do por do sol, espera por algum dinheiro que vem da venda do corpo. Aí, o assédio é impressionante. Qualquer pessoa não cubana é identificada imediatamente. Vem, sempre, alguém que se aproxima e oferece, em voz baixa, *una chiquita hermosa, mayor, sin problemas, permitida en el hotel* ou as próprias *chicas* fazendo *psiu!* para chamar a atenção do estrangeiro. Esse estrangeiro, se não quiser entrar no jogo que muitos procuram jogar, tem que se acostumar a dizer não ininterruptamente.

Há diferentes táticas para se abordar o estrangeiro e, a mais comum delas, é perguntar as horas. Ao responder, qualquer um deixa transparecer seu sotaque. Além da vestimenta, do jeito de andar, do olhar para os lados para conhecer a cidade, a voz denuncia quem é estrangeiro. Depois de perguntar as horas, vêm as perguntas seguintes: *de donde eres? Ah, brasileño? Como va usted?* E daí pra frente. A consequência é o oferecimento, sempre, de um *puro* (charuto cubano) ou um passeio “especializado” pela cidade. Agora estou falando, especificamente, de Havana. Assim, o assédio se faz. Se, ao tentar entrar em qualquer edifício do Estado (até um museu, mesmo) há um segurança a perguntar *adonde vas, señor?*, por outro lado, andar pela rua leva, sempre, a situações de abordagem com intenções de vender alguma coisa, seja um charuto, um rum ou uma mulher.

Outro mito que se constrói, lentamente (porque o tempo é lento?) é o mito da insegurança. Em Camaguey, fui aconselhado a não ir pela *Calle Republica* em direção à estação de *ferrocarril* porque *por allá se encuentran los bandoleros*. Em Havana, com um carro alugado, fui aconselhado a não dar ouvidos a ninguém, a não abrir a janela do carro; enfim, a não me comunicar com ninguém porque *es peligroso*. Mesmo não tendo visto nenhuma insegurança aparente, circulando a pé por Habana Vieja durante a noite, até por volta de 22 horas ou durante o dia por Centro Habana (rua Neptuno ou San Lázaro, por onde circula a maior parte dos táxis cubanos e ônibus), não vi nenhuma evidência da insegurança. Aliás, pelas regras consuetudinárias que devem perpassar pelas relações socialistas, a solidariedade, o respeito aos direitos cidadãos e a liberdade de ir e vir são fundamentais.

Mas o mito da insegurança não se constrói apenas entre as pessoas comuns. Como a mídia em Cuba tem seus programas bem selecionados para fazer

permanecer os ideais da *revolución*, a insegurança se faz na relação com as pessoas, que mesmo sendo distantes, ocupam os cargos diretivos.

No Vedado ou em Miramar, em trabalho de campo com um professor universitário, ele sempre alertava, em alguns lugares, para *no sacar fotos, esconde la máquina*, porque, por trás de algum muro alto ou limitado por vegetação densa, *ahí vive el segundo o el tercero de los capas*. A figura de um segurança ou a presença de uma guarita acendia o sinal amarelo. Era preciso ficar alerta porque algum membro da *família real* vivia neste ou naquele sítio. Há um misto de adoração e medo para com a figura de Fidel Castro e tudo o que ele representa. O semblante e a voz se distendem um pouco quando se pronuncia o nome de Raúl, seu irmão, mais consciente dos problemas cubanos e menos “duro”.

Assim se faz a insegurança porque ela comparece, principalmente, no espaço. Em alguns lugares é perigoso ir. Aí não se pode estacionar, não se pode andar, não se pode aproximar. Numa rua deserta, na Marina Hemingway, para observar os estragos feitos pelos furacões na orla marítima, apareceu um segurança, que estava amotinado em uma guarita quase invisível na paisagem, a pedir *para no aparcar el coche porque es prohibido*. Não havia ninguém por perto, não havia nenhuma construção e não passava nenhum cortejo presidencial por ali. Aí vem o elemento que ajuda na criação, na reprodução e na confirmação da insegurança: o “inspetor de quarteirão”, ou seja, aquela pessoa que assume um posto de vigilância cria, também, suas regras para controlar o espaço. Se algum superior decidiu, há que seguir, *incontinenti*, as ordens superiores. Não importa quem seja o superior. As ordens vêm de alguém que é reconhecido como superior mas que ninguém sabe quem é, seu nome, seu posto hierárquico etc. No ir e vir das ordens, o superior se confunde com o vigilante que, muitas vezes, é o autor das regras que passa a seguir, imputando-as a um superior totalmente desconhecido.

Em Miramar e no Vedado podem ser vistos palacetes do início do século XX. Tornaram-se moradias coletivas com a *revolución* ou permaneceram com as famílias que não quiseram abandonar o país depois de 1959. Isso dá um diferencial entre esses bairros e Habana Vieja ou o Centro Habana. Em Miramar residem os embaixadores e ali se constituiu no bairro de localização das embaixadas dos países estrangeiros. As ruas são largas e arborizadas. Os muros altos não deixam ver o que está por trás deles. Mas todo mundo sabe que ali estão as mansões. O lugar é considerado seguro e mete medo aos cubanos “comuns” que não vão para lá porque, para ir, é preciso transporte particular.

Entre Jamainitas e Santa Fé, depois da Marina Hemingway, uma favela. Migrantes do leste do país, há quarenta anos, vão chegando e ocupando os terrenos vazios (que são do Estado) e, pela autoconstrução, produzindo seu espaço. Casas sem telhas e sem acabamento externo dão ao bairro a coloração do bloco de cimento. O cinzento é a cor das habitações irregulares. Não há, ali, a força do Estado, por meio de um plano diretor ou de uma organização na ocupação do solo. O espaço se produz pela mão do migrante por causa de sua necessidade básica de morar, isto é, de viver sobre a superfície da Terra. Mais além, um megaprojeto está sendo trabalhado pela Odebrecht, grande construtora brasileira. É o porto de Mariel, que consumirá 900 milhões de dólares cedidos pelo Brasil, nos fundos da baía de mesmo nome, que irá provocar alguns impactos ambientais. Dos impactos sociais, prevê-se que será necessário deslocar a população favelizada para outro lugar para se “valorizar” a orla (eis aí uma expressão que mostra que a economia cubana está

tão monetarizada quanto qualquer economia capitalista) que poderá ser explorada para o turismo. A orla marítima é o ouro do futuro para Cuba, como já o fora no passado – no tempo dos mafiosos, donos dos cassinos e da prostituição institucionalizada. A Marina Hemingway é um testemunho concreto da ligação necessária que pode ser feita entre o passado odiado e o futuro que poderá modificar a entrada de dinheiro no país.

O espaço e o tempo condicionam e se fazem, também, no caráter das pessoas. O Estado, em Cuba, é proprietário de TUDO. Os hotéis, os restaurantes, os mercados, os táxis, as praças etc. são do Estado. É uma administração pesada porque não é possível controlar, mesmo com a mão de ferro que o Estado tem, tudo em todos os momentos. Aí a corrupção aparece e cresce a olhos vistos. Como não há trabalho mas há emprego para todo mundo, as pessoas se revezam nos seus postos. Num restaurante do Estado, se você vai dois ou três dias seguidos, dificilmente encontrará as mesmas pessoas. Num hotel ocorre o mesmo. E assim em todas as atividades controladas pelo Estado. Para citar um exemplo: um dia tomei um táxi, numa sexta-feira, em frente ao Hotel Mercure Sevilla. O taxista, um jovem negro chamado Pavel (por influência das relações com a velha União Soviética) não foi mais visto durante alguns dias. Ele voltou a trabalhar no meio da semana seguinte. Onde ficam as pessoas quando não estão em seus postos de trabalho? Geralmente pelas ruas, tentando conseguir algum dinheiro por outras formas de atividade.

Um exemplo de corrupção e de autoridade do indivíduo que burla o Estado. Em frente ao mesmo hotel, quando fui estacionar o carro, um senhor me informou que era *parqueador* e que eu teria que pagar, antecipadamente, três pesos (CUC) por uma noite. Ele colocou no parabrisas do carro um papel amassado, com o número da placa. Nada mais nem nada demais. No dia seguinte, outro senhor informou que era preciso pagar porque sua companhia (ele não disse o nome da companhia) alugava aquele espaço e precisava pagar, para o Estado, o aluguel. Aí queria cobrar cinco pesos! Eu me revoltei, falei do preço da noite anterior e ele abaixou o preço e aceitou os três pesos. Colocou, depois de *pelearnos* por alguns minutos, um papel diferente do dia anterior. Mas agora era o papel oficial. No terceiro dia, dois pesos foram o preço do estacionamento. Agora, sem qualquer papel comprovando o pagamento. Enfim, aluguei um carro e paguei pelo estacionamento do carro onde ele ficava quando a Transgaviota não o havia alugado.

O Hotel Mercure Sevilla é da rede francesa Accorhotels. É administrado em parceria com o Estado. O setor de turismo em Cuba é um dos que mais propicia arrecadação para o Estado e, por isso, ele fez parcerias com redes de hotéis da Espanha e da França. O nome, portanto, é internacional. Os empregados se revezam, como em todas as atividades. O prédio é antigo, vem da primeira década do século XX. Deve ter sido suntuoso porque no restaurante (o *Roof Garden*), no nono andar, o teto é trabalhado no estilo neogótico, com pinturas e molduras nos quadrados do forro que destoam da decoração composta pelas mesas.

As janelas do hotel estão mal conservadas e, apesar dos móveis antigos lembrarem tempos de concentração de riqueza, cada um destoa do outro dentro do apartamento porque são produtos que surgiram em tempos diferentes e sob ideologias diferentes. Quadros na parede com desenhos em bico de pena, abajures de metal com luzes fracas ou queimadas, abajur de teto moderno e *kitsch*, ar

condicionado que pode ficar ligado 24 horas por dia e cinzeiro de louça se combinam em uma atmosfera descompassada e saudosista que persiste em lembrar os tempos dos domínios capitalistas. No saguão principal, o Pátio Sevilhano, onde se servem as comidas rápidas, os conjuntos musicais se revezam em busca de algum dinheiro. As paredes são decoradas com fotos de Al Capone, Lucky Luciano, Ernest Hemingway, Graham Greene e alguma vedete dos anos quarenta ou cinquenta. Parece que há uma nostalgia presente no ar que venera um tempo passado, odiado, mas que precisa ser preservado. Não se vê, no entanto, os investimentos necessários de uma rede multinacional que foi a Cuba ampliar sua área de atuação. As camareiras balbuciam algumas canções e repetem, diariamente, uma arrumação padrão sem tirar o pó do canto do armário. Talvez porque tenham que fazer isso diariamente sem qualquer perspectiva de mudanças. Aí pergunto: será preciso o ser humano necessitar de mudanças para ter estímulo para o trabalho e a criatividade? Deixo para outros responderem.

Olhando pela janela do apartamento, no quinto andar, posso ver, perto e longe, os edifícios mal conservados, muitos praticamente destruídos, mas todos habitados. As janelas de madeira estão quebradas, falta uma ripa ou outra... as janelas de ferro estão enferrujadas, maltratadas pela maresia. Mais ao longe, o Golfo do México aparece azulado, com algum navio carregando contêineres para abastecer a ilha ou algum barquinho buscando algum peixe desatento que cairá em suas redes. Olhando para o ocidente, depara-se com a paisagem de Centro Habana. É constrangedor o abandono dos edifícios. Centenas de pessoas se apinhando em habitações, geralmente de dois andares ou mais, sem ventilação e sem o conforto da geladeira, do fogão, da mesa com cadeiras não quebradas, com os colchões confortáveis que não prejudicam a coluna. O calor só é combatido com a brisa do mar, quando ela vem (às vezes acompanhadas de uma borrasca tropical que exige o fechamento das janelas) ou com o zumzum de um ventilador encardido por causa da poluição provocada pelos escapamentos enfumaçadores dos veículos.

A chuva é esperada como elemento que lava as ruas. Mas depois que ela passa, a lama junta-se a outros tipos de sujeira deixando as ruas mais imundas que antes. A sujeira é passada de calçado em calçado, indo de um lugar a outro e sendo levada para dentro das casas.

Andando pelas ruas de Habana Vieja pode se ver a capacidade de trabalho dos cubanos. A reconstituição do patrimônio histórico pela *Oficina del Historiador* é impressionante para quem nota o que está ocorrendo. A Oficina é uma autarquia que se liga diretamente ao poder central do país, sem intermediações no organograma governamental. Ela se iniciou como dependente de financiamentos da Alemanha e Espanha, principalmente, mas de outros países europeus também, e com o tempo reorganizou velhos palacetes transformando-os em hotéis. Atualmente, com o dinheiro proveniente dos hotéis que administra, do arrendamento de edifícios e de empréstimos do exterior (que diminuíram com a eclosão da crise econômica européia em 2008), tem autonomia para recuperar um patrimônio arquitetônico incalculável. As fachadas com estilos colonial, neoclássico, barroco ou tudo isso junto vão se recompondo na paisagem urbana, modernizadas por dentro e com a mesma cara por fora. Tornam-se *tiendas*, escritórios de outras entidades governamentais, *viviendas* e hotéis ou pousadas. A autogestão permite independência para a oficina, que conta com mais de 10.000 empregados (de historiadores e arquitetos a pedreiros, marceneiros e carpinteiros, entre outros),

fazendo a ligação entre o passado e o futuro no que concerne ao patrimônio imobiliário da cidade. A recuperação da *Plaza Vieja* é um exemplo da qualidade dos trabalhos da oficina. Refuncionalizada, tornou-se lugar obrigatório para as visitas turísticas. Ainda falta a *Plaza del Cristo*, totalmente deteriorada e, embora habitada, com acúmulo de sujeira e feiúra por todos os lados.

Andando pela Rua Obispo, a rua de pedestres mais movimentada da cidade, pode se ver inúmeros restaurantes, o Hotel Ambos Mundos, onde viveu Hemingway por vários anos, o Colégio San Gerónimo, edifício moderno construído pela *Oficina del Historiador*, lojas de lembranças, a feira de artesanato e, felizmente, uma escola primária. Isso significa que o centro está cheio de gente que vem de todos os lados durante o dia e de moradores durante a noite. As escolas primárias, geralmente bem cuidadas, abrigam gratuitamente todas as crianças cubanas. As sonolentas porteiras são despertadas pelo vai e vem das crianças quando entram, pela manhã, por volta de 7h30, e quando saem, no início da tarde, com o sol causticante, mas elas vão alegres pelas ruas, chutando pedras, empurrando-se e falando alto umas com as outras. As crianças utilizam uniformes cedidos pelo Estado. Cada escola tem uma cor e isso dá, às crianças, uma identidade que pode ser um elo de ligação com o mundo socialista dos adultos. O uniforme torna a todos semelhantes na aparência, o que pode ser base para uma identidade telúrica com o bairro, a cidade e a nação.

Se a mecanização ainda não chegou plenamente à agricultura e se o martelo é a ferramenta mais vista nas mãos daqueles que estão fazendo alguma obra em suas casas, Cuba avançou bastante na bioquímica. Esse avanço dá ao país a posse de importante tecnologia na produção de remédios que são também, por sua vez, fonte de renda por causa do tratamento dos estrangeiros que procuram o país para seus problemas de saúde, principalmente de pele e de câncer.

A educação, em geral, não exige debates mais profundos sobre as práticas de ensino. O caráter ideológico pula das entrelinhas dos livros didáticos. A descrição dos tempos de colônia e de república leva a uma exaltação dos que lutaram contra o domínio espanhol e estadunidense. Poetas, advogados e militares são cantados em prosa e verso porque lutaram contra os domínios das burguesias estrangeiras. Mas o tom fica mais claro quando se trata do período considerado revolucionário. A exaltação dos guerrilheiros da Sierra Maestra, o assalto ao Quartel Moncada, a luta contra a ditadura de Fulgencio Batista são expostas em minúcias de nomes, datas e fatos para que os estudantes tenham sua visão formada e conformada pelos ideais do socialismo cubano. Assim, não é preciso debater como se ensina. É preciso ter certeza do que se ensina.

A Geografia (e as ciências em geral, por extensão) é um exemplo da contradição metodológica que vive a ciência em Cuba. O país é socialista. As obras de Carlos Marques e Federico Engels estão por todos os lados (nas livrarias estatais, nos sebos e nas feiras montadas semanalmente na Plaza de Armas). A Geografia, de forte inspiração soviética, repousa sobre a teoria dos sistemas, base metodológica muito cara ao neopositivismo. Sotchava, que elaborou a teoria dos sistemas para explicar a dinâmica natural dos espaços antropomorfizados, ainda não chegou ao estruturalismo, pois fica nas idéias de *input* e *output*, referências clássicas do neopositivismo. Quando muito, a tensão fica entre o que produziu Sotchava contra o que produziu Georges Bertrand. No entanto, os geógrafos leram e têm plena consciência das obras do materialismo histórico. Mas não as utilizam em seus estudos. É curioso, pois um país que se baseia em um regime político fundado

no materialismo histórico tem toda a sua Geografia feita sobre a forma burguesa de se fazer ciência. Isso se agrava com a persistência da disciplinaridade: um demógrafo não conversa com um geógrafo que, por sua vez, não conversa com o historiador e assim por diante. O caráter disciplinar da produção científica engessa a possibilidade de superar as gavetas do conhecimento e avançar na epistemologia do conhecimento geográfico. Em resumo, um regime político pautado, teoricamente, pela dialética materialista, nega-a por completo na sua práxis envelhecida do seccionamento e divisão empedernida da produção do conhecimento. Nada mais contraditório e dificultador de qualquer possibilidade de diálogo transdisciplinar, para não ir mais além do que as preocupações com as práticas de ensino que avançaram muito no Brasil, na Espanha, por exemplo.

As descrições feitas não têm o objetivo de combater o socialismo, mas de abrir a mente de todos nós, que olhamos para um mundo com menos desigualdades, para ver que a ditadura do proletariado nunca existiu. Há uma ditadura de Estado de esquerda que, se fecharmos o círculo, tem práticas e táticas ainda muito extremas que se aproximam das táticas das ditaduras de direita.

O mundo mudou e Cuba precisa mudar. Precisa manter as conquistas sociais (no ensino, na medicina, no esporte, no campo, principalmente), mas incorporar o que há de novo no mundo, principalmente as tecnologias de informação e comunicação. Ficar parado no passado pode ser custoso no futuro. E um futuro que está próximo, pois a família Castro não é eterna, apesar de haver uma onda que paira no ar para um processo de canonização laica de Fidel Castro, da mesma forma que foi feita com Che Guevara.

Na origem dessa derrocada do socialismo cubano, não há dúvida, está o torniquete que os Estados Unidos vêm apertando há 50 anos. Falta ar, falta combustível, falta energia para os cubanos reagirem. É muita pressão internacional do grande irmão, aquele que tudo vê e faz o que quer, sempre em nome da democracia e da segurança mundial. Aquele que faz e vende bombas, aquele que monitora a América como se fosse seu quintal.

Isso levou a uma pressão interna muito grande e a divisão dos cidadãos cubanos. Em um romance chamado “Marx e mis maridos”, de Lourdes de Armas, li o seguinte: “a mí y a todos mis amigos nos enseñaron en la escuela que la riqueza es mala, los burgueses son malos, nadie debe enriquecerse porque puede volverse criminal, apátrida, traidor, también lo anuncian en la TV y en todos los carteles que adornan las calles” (p. 13). Mais à frente, a autora escreve: “... la gente dispuesta a comer sus incansables pizzas y espaghetis, me llama la atención la seriedad de aquellas caras, los cubanos tienen dibujada una perene sonrisa que ahora les falta” (p. 20).

O sorriso, no entanto, está presente. Está na abordagem ao estrangeiro, na oferta dos charutos ou de algum serviço (inocente ou imoral), está na música. O sorriso se transformou em valor de troca. Ele está marcado nos rostos de quem precisam sobreviver. E são muitos! A música começa e aí está a mensagem: há que cobrar por algo que antes era espontâneo, era real. Agora é a apresentação de um

traço de alegria que se tornou necessidade. É o lado triste e difícil de um povo que aprendeu a sorrir por não ter o que comer.

Saio triste do país pelo que vejo no presente, mas com a certeza de que é possível mudar o que está acontecendo. Os cubanos tiveram a capacidade de fazer uma revolução histórica que se tornou paradigma no mundo, de mudar o regime político e o regime econômico. Eles precisam acordar e fazer uma outra revolução. Desta vez, para acompanharem e incorporarem o que de positivo está ocorrendo no mundo. Eles não precisam adotar o neoliberalismo como regime econômico, mas também não podem continuar com um Estado mastodôntico em um país tão pequeno, mas cheio de gente alegre, não feliz.

Escrito em Habana Vieja, no apartamento 519 do Hotel Sevilla Mercure, num dia 3 de outubro de 2012, inspirado pela alegria e pela tristeza de ver um país que foi um sonho que acabou.